

A particula *como* pode denotar accordo ou conformidade com um facto anterior, sendo neste caso substituível por *segundo, conforme*:

Esta questão, *como* mostramos, é uma das mais difficeis.

Farei *como* me ensinaste.

As cousas não se passaram exactamente *como* se havia annuciado.

A comparação referida a facto inexistente diz-se empregando *como se* e verbo no imperfecto do conjuntivo:

Queixou-se amargamente, *como se* lhe fora feito algum grande desserviço (Fr. Luis de Sousa).

Os meus olhos rompiam a escuridão do horizonte, *como se* a luz do sol os illuminasse (Herculano).

Fazem da razão uma sciencia immensa, *como se* fosse necessario arte para se conhecer o sol.

Como seguido de *que* e verbo no indicativo usa-se para significar semelhança, apparencia:

Os campos *como que* sorriam (= pareciam sorrir) (Herculano).

Como que já sentia rugir a pouca distancia as tempestades que iam agitar e devorar-me os annos mais bellos da vida (Herculano).

A expressão *um como* tem o valor de « uma coisa como, um ser como », « uma especie de », mas faz-se concordar a palavra *um* com o substantivo seguinte:

Chancellor, bradou o monarcha, em cujos olhos faiscou *um como relampago* (Herculano).

E' proprio de animos ativos tomar titulos e appellidos arrogantes, que são *uns como pennachos* (Bernardes).

De cada vez o saudava com mil e quarenta nomes de louvor, contando-os por *um como rosario* de pedras preciosas.

No meio do quarto via-se *uma como gaiola* cuberta de vidro.

OBSERVAÇÃO. — Taes *como se* apresentam, são os exemplos das duas regras precedentes rebeldes á analyse. Parecem entretanto ser a redução de pensamentos mais desenvolvidos: *os campos [eram] como [campos] que sorriam; via-se uma [cousa] como gaiola, etc.*

Indicando-se a desigualdade na oração subordinante por um vocabulo denotador de superioridade ou inferioridade, como *mais, menos, maior, melhor, peor, etc.*, usa-se na oração subordinada *que* ou *do que*:

Mais vale acautelar-se em tempo *do que* queixar-se por imprevidente.

Foram *menos* bellos os dias da sua mocidade *que* os da sua velhice.

O discipulo fala o inglez *melhor do que* escreve.

Ninguem ama a brandura *mais do que* eu (Herculano).

Orações proporcionaes

A oração **proporcional** denota augmento ou diminuição que se faz parallelamente no mesmo sentido ou em sentido contrario a outro augmento ou diminuição. Usam-se para este fim as expressões: *quanto mais...*, *tanto mais...*; *quanto menos...*, *tanto menos...*; *quanto mais...*, *tanto menos...*; *quanto menos...*, *tanto mais...* ou, tratando-se de comparativos syntheticos, *quanto maior... tanto maior...*; *quanto melhor... tanto peor...*; *quanto menor... tanto maior...*, etc. Exemplos:

Quanto mais leio esta obra, *tanto mais* a aprecio.

Quanto mais grosso é o vidro, *tanto menos* se enxerga atravez delle.

Sabia que o tiro feriria o alvo *tanto mais* fortemente, *quanto mais* se retesasse o arco (Herculano).

Quanto melhor é o estudante, *tanto menos* trabalho tem o professor.

Quanto menor é a vaidade de cada um, *tanto maior* é o esforço e applicação.

Na oração principal mencionada em segundo lugar, omittese ás vezes a palavra *tanto*:

Quanto mais estudo, *mais* vontade tenho de aprender.

Quanto mais o principe procurava encubrir a colera, *mais* o chanceller forcejava por irrital-o.

Tambem se pode indicar a proporcionalidade recor-

rendo a outras expressões como: *á medida que*, *á proporção que*:

Augmentam as difficuldades domesticas *á medida que* a vida encarece.

Vou perdendo as minhas esperanças *á proporção que* meus amigos me abandonam.

Orações causaes

A conjunção *porque* serve geralmente para caracterisar a proporção causal:

Eu era feliz *porque* tinha esperança.

As minhas paixões não podiam morrer, *porque* eram immensas.

Não aprendeu *porque* não quiz.

Ás vezes emprega-se, em lugar de *porque*, a simples particula *que*:

Tenha paciencia, *que* a sua petição não será despachada.

Lavre o parecer, *que* eu concordo desde já com o que resolver.

Tambem a voz do privado vibrava tremula. Era *que* as palavras, mansas e lentas, sahiam-lhe dos labios repassadas d'ironia. (Herculano).

Apressa-te, *que* não temos tempo a perder.

OBSERVAÇÃO. — Em certas linguas distingue-se a causal subordinativa da causal coordenativa pela diversidade de particula; em portuguez, empregando-se *porque* ou *que* para um e outro caso, conhece-se a differença pela pausa. A causal subordinativa separa-se da oração principal por uma pausa muito fraca (que se representa, quando muito, por uma virgula). A causal coordenativa separa-se da proposição anterior por uma pausa mais forte (que se figura por virgula, ponto e virgula e, até, por ponto final).

As orações de *porque* enunciam-se quasi sempre depois, e as de *que* sempre depois de outra proposição; umas e outras têm por fim esclarecer ou dar a razão daquillo que se acaba de communicar a outrem.

Havendo intuito de lembrar ou referir primeiro certa causa determinante, cuja consequencia é o facto principal, para o qual se chama a attenção, enuncia-se desde logo a oração causal, tendo esta a particula *como*:

Como estas cousas não se pedem, espero que me façam justiça.
Como não posso sahir de casa, irá meu filho em meu lugar.
Como estivessemos desprevenidos, não lhe pudemos acudir.
Como não havia phosphoro no aposento, tivemos de ficar às escuras.

Querendo fundamentar uma acção e significar que a causa determinante é facto bem conhecido, servimo-nos de *já que* ou *visto que, visto como*:

Já que te callas, não insistirei.
Já que não queres receber dinheiro pelo teu trabalho, permite ao menos que te offereça esta pequena lembrança.
Visto que assim queres, faremos a tua vontade.
Já que buscamos o sol, deixamos a sombra.

Emprego analogo tem a locução *uma vez que*, usada como conjunção causal. Significa em especial que basta o realisar-se certo acontecimento para ser inevitavel aquillo que affirmamos na proposição principal:

Uma vez que somos filhos de Adão, todos igualmente estamos excluidos do reino do céu (Bernardes).

As conjunções *pois, pois que, porquanto*, servem para mostrar que a causa é um acontecimento evidente:

Os maus não têm juizo, *pois* deixam a Deus pelo mundo.
 Mova-nos já sequer riqueza tanta, *pois* mover-vos não pode a casa santa (Camões).

As orações de *porque* e *visto que* podem-se reduzir a *por* e *visto* seguidos de infinitivo:

Não sahiremos *por ser* hoje dia feriado.
 Devia fazer-nos abatimento, *visto sermos* bons pagadores.

A noção de causa tambem pode ser expressa pelo gerundio:

Sendo hoje dia feriado, não sahiremos.

CONCORDANCIA

Ao sujeito multiplo, formado de substantivos no singular que se achem ligados copulativamente (conjunção *e*, expressa ou omittida) e designem pessoas ou cousas differentes, segue-se o verbo no plural:

A mãe e a filha *entraram* no carro.

Noto, Austro, Boreas, Aquilo *queriam* arruinar a machina do mundo (Camões).

O anel, a pulseira e o broche *desappareceram*.

A vaidade e a cubiça *desgraçaram* aquelle homem.

A chuva e o vento *fizeram* muitos estragos no pomar.

Sendo o sujeito constituido por duas expressões no singular ligadas pela particula *e*, e servindo a segunda para completar, esclarecer ou reforçar o sentido da primeira, irá o verbo para o singular:

Alta fama e rumor delles se *estende* (Camões).

Todo seu proposito e vontade *era* deter ali os descubridores da India (Camões).

Triste ventura e negro fado os *chama* neste terreno meu (Camões).

OBSERVAÇÃO. — Se com duas ou mais expressões ligadas pela particula *e* se designar um ser unico, o verbo se conservará evidentemente no singular, como neste exemplo: *o ladrão e assassino foi condemnado á morte*.

Enunciando-se primeiro o verbo e depois os diversos sujeitos do mesmo numero singular, o verbo pode empregar-se tanto no plural como no singular, concordando neste caso com o mais proximo:

Sahiram (ou *sahiu*) Pedro e Paulo.

Morreram (ou *morreu*) o piloto e o machinista.

Cobrem ouro e aljofar ao velludo (Camões).

Ouviu-o o Douro e a terra trastagana (Camões).

Dessa fonte inexaurivel *mana* a resignação e a paz (Herculano).

Concorrendo como sujeitos substantivos de numeros differentes, o verbo que se lhes segue toma a forma do plural; enunciando-se porém o verbo antes dos sujeitos, poderá elle ficar no singular, comtanto que tambem esteja no singular o sujeito mais proximo:

O dinheiro e as joias *ficaram* na gaveta.

A directora e as alumnas *compareceram* á festa.

Desappareceu o explorador e todos os seus companheiros.

Qualificativo commum a dous substantivos no singular, associados pela conjunção *e*, pode usar-se no plural ou no singular se vier depois:

Depois de ter estabelecido leis politicas e civis e *a paz e ordem publicas* nos seus vastos dominios (Herculano).

As tradições da *cultura e policia romanas*.

O amago e substancia da *idealidade e poesia britannicas* (Herculano).

O *orgulho e o patriotismo britannico* andam aninhados em tudo (Herculano).

Se os dous nomes forem de genero differente, o adjectivo no plural toma o genero masculino:

Revestido d'*estola e pluvial pretos*.

Manou da ferida *sangue e agua verdadeiros* (Bernardes).

Ao cabo da estreita senda da cruz acharia elle, porventura, a *vida e o repouso intimos* (Herculano).

Se o qualificativo ou um adjunto qualquer commum a varios substantivos se achar antes delles, a concordancia faz-se sómente com o substantivo mais proximo:

A grande *amizade e admiração*.

Achando-se entre os sujeitos ligados pela conjunção *e* o pronome *eu* ou *nós*, o verbo se usa na 1.^a pessoa do plural. Occorrendo entre os ditos sujeitos o pronome *tu* ou

vós, e não havendo nenhum da 1.^a pessoa, o verbo irá por via de regra para a 2.^a pessoa do plural:

Eu e elle assim *pensamos*.

Eu, tu e os mais companheiros *estamos* perseguidos.

Queríamos nós e outros collegas estudar grego.

Falemos tu e eu desse negocio.

Vós e vossos irmãos não *jogais*.

Tu e elles *sabeis* a historia.

Algumas vezes, porém, desrespeitam os escriptores esta regra, fazendo a concordancia com o sujeito mais proximo por ser a idéa principal:

Desejo que tu e quantos me ouvem se *tornem* taes qual eu sou (Arrais).

Vós e todos aquelles de que eu então me servir, não só *hão* de fazer o que eu faria, senão maiores obras ainda (Vieira).

Tu e os outros velhacos da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra (Herculano).

OBSERVAÇÃO. — Na linguagem corrente de hoje, sendo desusado o tratamento de *vós*, e desusada portanto a forma verbal respectiva, fala-se segundo os exemplos de Arrais e Herculano que acabamos de citar.

Ligando-se a um sujeito no singular outro no singular ou no plural, e empregando-se para este effeito a palavra *com* em substituição da particula *e*, o verbo, desde que venha depois, usa-se no plural:

Eu co'o grão Macedonio e o Romano *demos* lugar ao nome lusitano (Camões).

Elrei com a rainha Dona Isabel sua mulher *entraram* (D. de Goes).

Elle com o seu clero *catechisaram e baptisaram* por muitas semanas a copiosa multidão (Bernardes).

Servindo de sujeito multiplo differentes substantivos no singular, entre os quaes venha a particula *ou* com o valor de alternativa, e não devendo o predicado referir-se senão a um dos sujeitos, com exclusão dos restantes, a concordancia faz-se no singular:

Deus ou o demonio *torceu-te* os designios (Herculano).

A má vontade para tudo quanto o berço ou a fortuna *poz* acima della (Herculano).

Crendo que Fainamá ou alguma de suas irmãs *era* morta (Barros).

Se, empregada a alternativa *ou*, o verbo tanto pode referir-se a um dos sujeitos como a todos elles, a concordancia faz-se no plural:

As penas que S. Pedro ou seus successores *fulminam* contra os homens (Vieira).

O Nilo ou o Tejo não *devem* as suas correntes ás terras por onde passam.

Se o segundo termo, precedido de *ou*, se enuncia como que estendendo parentheticamente o caso a outro individuo, a concordancia do verbo faz-se com um sujeito só:

Se todos, *ou* algum delles, viram alguma hora dar semelhante á sua (Vieira).

Um cardeal, *ou* um papa, enquanto homem, não é mais do que uma pessoa (Bernardes).

Se o porteiro Fr. Julião, *ou* outro subdito seu, ainda mais somenos, *quizesse* alevantar-lhe a grimpá (Herculano).

Repetindo-se depois de *ou* a palavra precedente, porém na forma do plural, para denotar que se admite rectificação de numero, o verbo concordará com o termo mais proximo, isto é, no singular se vier antes dos dous sujeitos, e no plural se vier depois:

O poder ou poderes do homem *eram* sobre todos os peixes (Vieira).

A parte ou partes contrarias *virão* á presença do juiz.

Nenhum vestigio de sua presença *deixou* o autor ou autores do crime.

Concordancia analogá á precedente, isto é, com o nome mais proximo, se applica aos determinantes do nome:

Não se sabe *qual* ou *quaes individuos* serão accusados.

Encontrariam *um* ou *muitos amigos dedicados*.

A particula *ou* significa identidade ou equivalencia quando vem interposta entre nomes differentes com que

se designa ou define sempre a mesma pessoa ou cousa. A concordancia neste caso tem de ser feita com um termo só, que pode ser ou o nomeado em primeiro lugar antes de qualquer termo esclarecedor, ou o equivalente mais proximo do verbo ou adjectivo :

D'ahi para cima um *gibão* de mulher, ou *vasquinha*, preto e afogado na garganta, *escondia* debaixo das multiplicadas pregas as formas emmagrecidas daquelle corpo (Herculano).
Cadafalso ou *tablado erguido* no topo occidental da rua.

Nas definições e frases denotadoras de equivalencia, em que se emprega o verbo *ser* entre dous substantivos de numeros diferentes, o verbo concorda geralmente com o termo que estiver no plural :

Uma cousa *são as occupações* do officio, e outra as da pessoa.
O geral vestido de todos *são pannos* de algodão.

Asia *são* aquelles muitissimos e poderosissimos imperios onde reinaram os Ninos, as Semiramis.

Em classicos portuguezes encontram-se todavia não raros exemplos de concordancia com o substantivo no singular: É linguagem menos usada hoje; como neste exemplo :

As insignias de seu estado real *é uma* enxada (Barros).⁶

Nas orações constituidas por um dos pronomes *tudo*, *isto*, *isso*, *aquillo*, verbo *ser* e substantivo no plural, o verbo toma a forma do plural :

Tudo no mundo *são sombras* que *passam*.

Tudo eram armas de fogo.

Aquillo não *são vozes*, *são ecos* do coração.

Isso foram conselhos desta senhora.

Para os semeadores *isto são glorias*.

Nas interrogações, directas ou indirectas, começadas pelos interrogativos absolutos *quem*, *que*, *o que*, o verbo *ser* concorda sempre com o nome ou pronome que vier depois :

Quem eram aquelles *mancebos*?

Que são honras e glorias para vós?

Quem são elles?

Nas frases de identificação em que um dos termos é substantivo, e o outro um pronome pessoal, o verbo *ser* concorda em numero e pessoa com o pronome:

O dono da fazenda *serás tu*.

As victimas *fomos nós*.

O director *sou eu*.

Foste tu o melhor amigo.

Nas minhas terras, *o rei sou eu* (Herculano).

Usam-se com o verbo no singular as locuções *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é menos de*, *é tanto*, junto a especificação de preço, peso, medida, quantidade, etc.:

Trinta mil réis é mais do que eu posso pagar.

Cinco kilometros é pouco.

Dous metros é menos do que precisamos.

Com o sujeito multiple formado de substantivos precedidos da conjunção *nem*, emprega-se o verbo geralmente no plural:

Nem o manipulo da contrição, nem o cingulo da castidade, nem a alva da graça justificante vestem a sua alma (Bernardes).

Nem Abrahão, nem Jacob os conheceram (Vieira).

Nem um movimento, nem uma palavra tinham interrompido a attenção geral (Herculano).

Archanjos malditos, expulsos do céu quando ainda não existiam *nem o espaço nem o tempo* (Herculano).

Querendo-se todavia pôr em relevo que a mesma acção se repete para cada um dos sujeitos, successivamente ou em epochas differentes, dá-se ao verbo a forma do singular, desde que no singular também estejam os diversos sujeitos:

Nem a lisonja, nem a razão, nem o exemplo, nem a esperança bastava a lhe moderar as ancias *nem as vozes* (Vieira).

Até ahi *nem o nome, nem a imagem* de Leonor *me tinha* passado pelo espirito (Herculano).

Sendo a serie de sujeitos cuja acção se nega constituida por substantivos referentes a seres animados e pronomes da 1.^a ou 2.^a pessoa, ou por estes pronomes só-

mente, e precedendo os sujeitos ao verbo, a presença de *eu* ou *nós* exigirá o verbo na 1.^a do plural, a de *tu* ou *vós* (faltando pronome de 1.^a pessoa) pedirá o verbo na 2.^a do plural:

Nem meu primo nem eu frequentamos tal sociedade.

Nem nós nem elle nos esqueceramos disso.

Nem vós nem elle perdereis em tal negocio.

Estando porém o verbo negativo antes dos sujeitos de pessoas diferentes, faz-se a concordancia com o sujeito mais proximo:

Não seriam nem elles nem eu quem puzesse esse remate (Herculano).

Terminando a serie negativa por um dos pronomes indefinidos *alguem*, *outrem*, *ninguem*, ou *algum*, *outro*, *nenhum*, referidos ao substantivo *homem*, segue-se-lhe o verbo na 3.^a pessoa do singular, embora na serie se ache algum sujeito de 1.^a ou 2.^a pessoa:

Nem eu nem ninguém tem annos nem dias (H. Pinto).

Nem elles nem outrem ha de possuir nada (Vieira).

E' cousa verdadeiramente admiravel que *nem Moysés nem algum outro se pudera* cuidar ou imaginar (Vieira).

Não era necessario que *elle nem outro o dissesse* (Vieira).

O termo final da serie negativa pode ser um nome cuja significação abranja todos ou algum dos sujeitos anteriores, vindo este nome combinado com um dos indefinidos *algum*, *outro*, *nenhum*. Ainda neste caso costuma-se pôr o verbo seguinte no singular:

Nem cão, nem gato, nem adibe, nem outro bicho do mato chegou a pôr-lhe boca (F. L. de Sousa).

Nem elle nem outro escritor sagrado escreveu as obras da conservação (Vieira).

Quando o ultimo termo da serie negativa é substantivo no plural precedido de *algum de...*, *nenhum dos...*, *algum dos outros...*, *nenhum dos outros...*, o verbo seguinte usa-se no plural ou no singular:

Nem Lucas, nem algum dos outros Evangelistas dizem expressamente quando o diabo tornasse a tentar a Christo (Vieira). E comtudo nem o mesmo Adão, nem algum de seus descendentes chamou nunca tal nome a Eva (Vieira).

As expressões *um e outro, um ou outro, nem um nem outro* servem de determinantes a substantivo que se usa no singular :

Procuramos alcançar *uma e outra cousa*.

Elle vai *uma ou outra vez* á cidade.

Nem um nem outro presente posso aceitar.

Em *um ou outro prisioneiro* notei signaes de soffrimento.

Quando a locução *um e outro* com substantivo no singular, claro ou subentendido, serve de sujeito, o respectivo verbo, enunciado em seguida, usa-se ora no singular, ora no plural. É preferivel o plural quando os seres a que se refere *um e outro* se nos representam no espirito como individuos ou entidades bem distintas :

Um e outro fizeram seus protestos e requerimentos (D. do Couto).

Uma e outra cousa lhe desagrada (Bernardes).

De repente, *um e outro desappareceram*, como se a terra os houvera engulido (Herculano).

Uma e outra cousa duraram apenas rapido instante (Herculano).

Uma e outra doutrina é de Salomão (Bernardes).

Uma e outra Magestade aceitaram e receberam o novo e sobrenatural parentesco (Vieira).

Sendo enunciado o sujeito pela negativa *nem um, nem outro*, usa-se o verbo no singular :

Nem um nem outro falou verdade (F. L. de Sousa).

Nem uma nem outra cousa é necessaria (Bernardes).

O sujeito multiplo deixa de influir sobre a forma do verbo desde que, depois de enumerados os varios nomes ou pronomes, se emprega recapitulativamente *tudo, nada, ninguém*. O verbo concorda sómente com o termo recapitulativo :

A rodeira e as cuvilheiras e as sergentes, tudo abalara para assistir ao grande drama (Herculano).

Remedios, dieta, mudança de ares, nada lhe aproveitou.

O rico e o pobre, o orgulhoso e o humilde, ninguém escapa á morte.

O falso e o verdadeiro, a verdade e a mentira, tudo passa (Vieira).

Desta ultima regra se exceptuam aquellas construcções em que, fazendo-se uso do verbo *ser*, o predicado é expresso por um substantiyo no plural:

Pontos, coros e os mesmos comparsas, tudo eram parentes ou amigos intimos (Garrett).

A palavra *gente* pede adjectivo e verbo no singular:

Notou-se a presença de *gente estranha*.

Esperam que a *guerreira gente saia* (Camões).

Admira-se a gente do que vê.

Nos *Lusiadas* e em outras obras quinhentistas occorrem entretanto exemplos de concordancia no plural, quando, pela interposição de outros dizeres, o verbo ou o termo determinante vem afastado do vocabulo *gente*:

O grande estrondo a maura *gente* espanta, como se *vissem* horrida batalha (Camões).

Vendo os nossos como a *gente* destas terradas *andavam* nadando por se acolher á terra (Barros).

A *gente* da cidade aquelle dia, *uns* por amigos, *outros* por parentes, *outros* por ver sómente, concorria, *saudosos* na vista e *descontentes* (Camões).

Quando a um nome ou pronome no plural antepomos, em lugar do quantitativo *muitos*, alguma das expressões *grande numero de*, *grande multidão de*, *grande quantidade de*, o verbo seguinte pode ir para o plural, concordando com a noção de pluralidade que temos em mente:

Uma grande multidão de crianças, de velhos, de mulheres *penetraram* na caverna (Herculano).

Um grande numero de velas *branquejavam* sobre as aguas do Estreito (Herculano).

Sendo o sujeito da oração constituido pela expressão *parte* ou *grande parte*, a *maior parte*, com um complemento

formado pela preposição *de* e um nome ou pronome no plural (podendo este complemento estar claro ou subentendido), o verbo se emprega tanto no singular como no plural:

A maior parte dos nossos usam de pão amassado (Barros).
Mandou soltar dez ou doze mouros, *parte dos quaes vieram* ter ao nosso arraial.

A maior parte de suas fazendas estava em navegação (Barros).
Uma parte dos cavalleiros offerecer-lhes-iam debil resistencia (Herculano).

Os amigos de Antonio *parte foram* destruidos, *parte* desbaratados (H. Pinto).

Se os dizeres *grande numero, grande multidão, grande quantidade, parte, grande parte, a maior parte*, se referirem a nome colectivo no singular, o verbo só se emprega na forma singular:

Parte do exercito conseguiu atravessar o rio.
A maior parte do povo é contraria á revolução.

As expressões *cerca de, obra de, perto de, passante de, mais de, menos de*, antepostas a numero plural para denotar quantidade approximativa, não influem na concordancia do verbo, que será no plural:

Morreram cerca de quinhentos homens.
Mais de vinte volumes foram vendidos por preço exorbitante.
Seriam juntos passante de oitenta mil (Barros).
Restaram menos de quinze exemplares.

Em certos casos, a synese (isto é, concordancia com a idéa que temos em mente), permite o emprego do verbo no singular, como no seguinte exemplo, em que o verbo concorda com *distancia*, e não com as unidades de leguas:

Já lhe ficava atraz *mais de cincoenta leguas* (Vieira).

Verbo que se usa com a expressão *mais de um* diz-se geralmente no singular:

Mais de uma lagrima foi derramada.
Mais de um anno se passou.
Mais de um ricoço ficou reduzido á miseria.

Nas frases exceptivas expressas pela forma negativa, em que se interpõe o verbo entre *não* e *senão*, ou entre *não* e *mais que*, vindo em seguida um nome que sirva de sujeito, o verbo vai para o singular ou para o plural, de accordo com este termo:

Não escapou *senão uma criança*.

Não escaparam *senão tres meninos*.

Do antigo templo não *apparecem* mais que as *columnas*.

Se a excepção se refere a sujeito de 1.^a ou 2.^a pessoa, é necessario dar outro torneio á frase, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projecto *senão nós tres*.

Não appareceu *outra pessoa senão tu*.

Quando é sujeito de uma oração exclamativa *que de* (equivalente de *que multidão de*) seguido de substantivo, o verbo concorda com este substantivo:

Que de casas não ruíram!

Que de familias não vivem sem amparo!

Que de gente não concorreu á festa!

Empregando-se *é necessario*, *é preciso*, *é bom* com o sentido de *é necessario ter*, *é bom ter*, *é bom usar*, etc., ficam invariaveis estas expressões, sendo o substantivo que se lhes juntar considerado como objecto directo do verbo *ter*, *usar*, etc., que temos em mente:

E' necessario muita paciencia com os meninos.

E' necessario esforço e vigilância (Herculano).

E' bom toda a cautela (Castilho).

OBSERVAÇÃO. — Não ha duvida que os adjectivos *necessario*, *preciso* farão a concordancia com o substantivo que lhe serve de sujeito. *Re-preciso* podem usar-se igualmente como predicção, e neste caso se parece-se entretanto na frase *é bom toda a cautela*, cujo sentido difere bastante de *é boa toda a cautela*.

Na determinação de horas, datas, distancias o verbo *ser* concorda com a expressão numerica:

São tres horas em ponto.

E' uma hora.

Hoje *são dez* do mez.

Da estação á fazenda *são tres leguas* a cavallo.

O verbo *dar* referindo-se ás horas que batem, usa-se no singular quando vem claro o sujeito *relogio*; em caso contrario concorda com a expressão numerica:

Neste momento *o relogio deu dez* pancadas (Herculano).

Deu uma e meia.

Deram as oito (Herculano).

No tratamento de *vossa mercê, você* (contracção de *vossa mercê*), *vossa senhoria, vossa excellencia, o senhor, a senhora, vossa reverencia*, etc., emprega-se o verbo na 3.^a pessoa por causa dos substantivos *mercê, senhoria*, etc., e pela mesma razão se fazem as referencias com os pronomes de 3.^a pessoa *seu* (e variações), *se, lhe, o, a*. Porém na distincção de genero, quer para *o, a*, quer para os qualificativos, applica-se a synese, fazendo a referencia ao sexo da pessoa, e não aos vocabulos *mercê, senhoria*, etc. Assim diremos:

a) dirigindo-nos a homem:

Vossa Excellencia anda muito occupado.

Permitta-me Vossa Senhoria que *lhe* diga.

Meu caro amigo, vi-o hontem na Avenida com *sua* esposa.

Você deve dar-se por *satisfeito*.

b) dirigindo-nos a mulher:

Vossa Excellencia canta divinamente e *será* muito *applaudida*.

Prometto-lhe que hei de *visital-a* no proximo domingo.

Queira dizer-me se *sua* filhinha vai passando melhor.

A palavra *meio*, servindo de qualificativo a um nome, concorda com elle em genero e numero:

O relogio dá as horas e as *meias-horas*.

O diadema tem a forma de *meia-lua*.

Com *meias palavras* não fazemos nada.

Empregada como determinante de adjectivo, com o sentido de «um tanto», «em parte», «ou quasi», e tendo

portanto valor adverbial, a palavra *meio* pode usar-se, segundo o precedente dos melhores escriptores da língua, tanto sob a forma invariavel, como em concordancia com o respectivo adjectivo :

Uns caem *meios mortos*, e outros vão a ajuda convocando do Alcorão (Camões).

As sete naus ficaram *meias alagadas* (Castanheda).

Para os nossos não ficarem magoados e *meio injuriados* (Barros).

Tendo os olhos *meios abertos* (Barros).

Os outros corpos estão *meios podres* (Bernardes).

Carnes *meias devoradas* pelos cães (Herculano).

Os olhos ainda *meio fechados* (Herculano).

Tratando-se porém de duas qualidades, attributos ou condições que se contradizem, a palavra *meio*, anteposta a cada um dos adjectivos, costuma conservar-se invariavel :

O sineiro da minha *meio-rural, meio-urbana* parochia (Herculano).

Palliativo temporario contra a loucura *meio natural, meio voluntaria* (Herculano).

O verbo *haver*, tomado na accepção de «existir», diz-se no singular, embora venha junto a um nome no plural.

É exemplo de uma forma crystalisada. Filia-se a certa linguagem do latim vulgar em que *habere* com a significação de «ter» servia de predicado a um sujeito que hoje não sabemos qual seria. Assim dizemos :

Ha homens neste mundo difficeis de contentar.

Havia no recinto quatrocentas *peessoas*.

Traidores houve entre os que conspiravam.

Ninguem sabe quantas *estrellas ha* no firmamento.

OBSERVAÇÃO. — O sentimento da linguagem leva o povo e raros escriptores a empregar, uma vez por outra, *houveram peessoas, haviam cores, se houvessem almas*, etc., por *houve peessoas, havia cores, se houvesse almas*, etc. Nunca, porém, se troca a forma monosyllabica *ha* por *hão*.

Nas orações que têm como sujeito o pronome relativo

que, o verbo concorda com o termo antecedente, sujeito ou objecto de outra oração :

Eu, que estive ausente, nada sei do caso.

Tambem me culpava a mim, que vos fiz companhia (Bernardes).

Nós que eramos ricos, empobrecemos depressa.

As mercadorias que não prestavam foram destruidas.

Mudou-se para um predio que tem commodos mais espaçosos.

Sendo o dito antecedente do sujeito *que* um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjectiva usa-se geralmente na 3.^a pessoa:

Aquelle que não quizer ficar pode retirar-se.

Aquelles que desobedeceram foram punidos.

Os que mais falam são os que menos trabalham.

OBSERVAÇÃO. — Empregando como demonstrativo as formas *os, as*, os escriptores classicos contrariam por vezes a regra precedente, pondo o verbo na 1.^a ou 2.^a pessoa do plural para mostrar a inclusão da pessoa que fala ou da pessoa ou pessoas a quem se dirige a palavra: *Os que nascemos homens respondemos tão mal ás obrigações de nosso nascimento (Vieira); só resta fazer-vos huma advertencia muito necessaria para os que viveis nestes mares (Vicira).*

Esta concordancia tambem se pode interpretar como sendo o demonstrativo o apposto do pronome pessoal *nós* ou *vós* subentendido.

Funcionando o antecedente do pronome *que*, não já como sujeito ou objecto de outra oração, e sim como predicado do verbo *ser*, pode-se fazer a concordancia com o sujeito deste verbo, como nestes exemplos :

Fui tambem o primeiro que mostrei o engano (Castanheda).

Sou eu o primeiro que não sei classificar este livro (Herculano).

Esta concordancia com o sujeito da oração precedente é sobretudo usada quando em vez de *eu sou o que...*, *fui eu o que...*, *foste tu o que...*, etc., dizemos, com omissão do demonstrativo, *eu sou que...*, *fui eu que...*, *foste tu que*, etc.

Exemplos :

Fui eu que escrevi a carta.

Fomos nós que não quizemos.

Foste tu que denunciaste o plano da conspiração.

Não seremos nós que iremos mendigar taes empregos.

Não fui eu que o assassinei (Herculano).

Es tu que debes lembrar-te delle (Herculano).

Foste vós que me ensinastes o caminho.

Sou eu que exponho (Castilho).

OBSERVAÇÃO. — A omissão do demonstrativo nos exemplos precedentes é costume implantado na linguagem desde o seculo passado. Antes deste tempo todos os escriptores punham sempre claro o demonstrativo:

Quem te disse que era eu o que te digo? (Camões). Não fui eu o que preguei (Vieira). Eu fui o que fiz isso (Vieira).

Para mais exemplos veja-se a nossa Grammatica Historica.

Empregando-se *eu sou quem...*, *fui eu quem...*, *foste tu quem...*, etc., em vez de *eu sou que...*, *fui eu que...*, *foste tu que...*, é hoje costume, entre as pessoas cultas, pôr o verbo na 3.^a pessoa.

Fui eu quem escreveu a carta.

Foste tu quem disse tal cousa.

Logicamente, desde que se trata de substituição, dever-se-ia continuar a pôr a forma verbal em harmonia com o sujeito do verbo *ser*. Desta pratica, que persiste no falar do povo, occorrem exemplos em Manuel Bernardes, Filinto Elyσιο e Gonçalves Dias:

Não sou eu quem, influido em Ario, invadi a Alexandria e alcancei o triunfo (Bernardes).

Não fui eu quem o privei della (F. Elyσιο).

Arde o pau da resina fumosa; não fui eu quem o acendi (G. Dias).

O verbo que se segue ás locuções *uma das cousas que...*, *um dos homens que...* e outras semelhantes, usa-se por via de regra no plural:

Um dos homens que mais trabalharam foi Pedro.

Foi *uma das cousas que* mais me *surprehenderam*.

Paulo é *um dos que* mais *estudam*.

Ha, comtudo, exemplos de attracção em que se usa o verbo no singular concordando com *um*:

Uma das cousas que me mais espantou (D. de Goes).

Uma das cousas que sempre agradou a Deus (Vieira).

Uma das cousas que derrubou a Galba (Bernardes).

EMPREGO DO VERBO

Emprego dos tempos verbaes

1) PRESENTE :

• O presente do indicativo serve para denotar a acção que se passa durante o momento em que estamos falando ou dentro de um periodo que comprehende este momento.

• Se se refere a uma verdade observavel em qualquer epoca, ou a um facto real que data de muito tempo e deve assim perdurar por espaço longo ou indefinido, dizemos que o presente é durativo:

A terra *gira* em torno do sol.

O Amazonas *desagua* no Oceano Atlantico.

• Se exprime um costume ou uma acção intermittente cuja effectividade pode coincidir ou deixar de coincidir com o momento de agora, o presente é frequentativo:

Todas as manhãs *tomo* meu banho frio.

Os Arabes *escrevem* da direita para a esquerda.

Este negociante *vende* muito caro.

Tu só *bebes* agua pura.

• Muitas vezes emprega-se o tempo presente para designar o acto inexistente, mas de realisação proxima. O verbo, neste caso, tem o valor de presente-futuro:

Hoje á noite *vou* a tua casa [em vez de: *irei a tua casa*].

Amanhã não *saio*.

O trem *chega* d'aqui a uma hora.

• Em narrativas animadas pode, pelo contrario, referir-se o verbo no presente a facto inteiramente passado. É applicação do presente-preterito ou presente historico:

Recebe o capitão alegremente o Mouro e toda sua companhia (Camões).